

2010



RETROSPECTIVA À ESCOLA DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES COMANDANTE LIBERDADE

REFLEXÕES E CONSELHOS PRÁTICOS.

BENÍCIO GABRIEL BAMBA PUNA

PROFESSOR DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO E COORDENADOR PROVINCIAL DE
SUPERVISÃO PEDAGÓGICA , GESTÃO DE PROJECTOS E PROGRAMAS DE
FORMAÇÃO, INICIAL, CONTINUA E A DISTÂNCIA -HUÍLA

RETROSPECTIVA À ESCOLA DE FORMAÇÃO DE FORMAÇÃO DE

PROFESSORES COMANDANTE LIBERDADE

**REFLEXÕES E
CONSELHOS
PRÁTICOS.**

BENÍCIO GABRIEL BAMBA PUNA

Ficha Técnica:

Título: REFLEXÕES E CONSELHOS PRATICOS.

Autor: BENÍCIO GABRIEL BAMBA PUNA

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Texto: Comic Sans MS 12

Capa: MUKERENG CARDOSO

Revisão dos Textos: ZEZÉ NGUELLEKA E
MILLE TAVARES

Lubango, 2023

O autor

Nasceu na aldeia de Luango Kimbama, comuna de Miconje, município de Belize, Província de Cabinda.

Fez os meus estudos primários na mesma aldeia, o segundo e Terceiro níveis nas escolas Barão Puna e Instituto Médio Industrial de Cabinda.

É Licenciado em Linguística/Francês pelo Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla, ISCED-HUÍLA;

Pós-graduado em Supervisão Pedagógica pelo Bief-BÉLGICA e Instituto Nacional de Formação de Quadros- Luanda;

Pós-graduado em Metodologias de Ensino da Língua Portuguesa e da Matemática do Ensino Primário;

Pós-graduado em Gestão Escolar pela Fundação Getúlio Vargas-Brasil;

Mestre em Didáctica da Língua Francesa e Engenharia de Formação pela Universidade de Franche-Comté-França e Instituto Superior de Ciências da Educação-ISCED- Luanda;

Doutorando em Supervisão Pedagógica na Atlanttic International University- Honolulu Hawaii II - USA;

Leccionou as disciplinas de Educação Visual e Plástica na escola Ex-Colégio
Angolano Benguela;

Línguas - Francesa, Inglesa e Portuguesa - Escola de Formação de

Professores e Magistério Primário do Nambambi; Sociologia, Gestão e Inspeção Escolar, no Instituto Superior Politécnico Vida, actual Instituto Politécnico Evangélico do Lubango.

Foi Coordenador Provincial de Supervisão Pedagógica - HUILA; Responsável, a nível do Gabinete Provincial da Educação da Huíla pelas áreas de:

- Gestão de Projectos e Programas de Formação: inicial, contínua e à Distância; - Zonas de Influência Pedagógica - ZIP;
- Projecto Aprendizagem para Todos - PAT;
- Comunicação Institucional (Porta-Voz);
- Chefe do Departamento de Ciência, Tecnologia e Inovação.

É formador nacional em Supervisão Pedagógica;

Tem experiências profissionais em Gestão de Ciclo de Projectos Educativos, serviços de interpretação e tradução em Línguas francesa e inglesa, Construção Civil, Mecânica Industrial, Gestão e Administração de Recursos Humanos, diferentes metodologias de formação de professores, nomeadamente na Perspectiva da Pedagogia de Integração/Abordagem por Competência-PI/APC, processos de avaliação das aprendizagens.

Projectos:

- É co-autor do projecto de actualização permanente dos Professores e Gestores escolares do Ensino Primário e do I Ciclo

do Ensino Secundário da Huíla-Magistério Primário do Nambambi (2012-2013);

- É autor do Guia de formação para novos agentes primários e do I ciclo do ensino secundário da Província da Huila- 2012;

- É autor do Livro 1 Supervisão Pedagógica: uma figura na dinâmica das Zonas de Influência Pedagógica.

- Elaborou o Projecto FOMESP2021-Fórum Metodológico da Educação em Situação da Pandemia-COVID-19;

- Elaborou o Projecto FOGESP2020-Formação de Gestores Escolares em Situação da Pandemia 2020;

- É Professor colaborador nos Institutos Superiores Politécnicos Independente e Evangélico do Lubango;

- É comentador residente na Rádio ISPI- Huila, no Programa Impacto 7;

Participou de vários estágios sobre as Metodologias de ensino da Língua Francesa e Tecnologias de Informação e Comunicação nas cidades de Nantes e Vichy em França.

Agradecimentos

A todos os colaboradores e profissionais da Educação.
Ao Mecenas "**AGUA PRECIOSA**" não esquecendo a ***ASA HUÍLA***
ACADEMIA DE AUTORES DA HUÍLA / LUBANGO / ANGOLA.

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

Reconhecimentos

Seria ingrato publicar este manual sem antes reconhecer algumas das grandes figuras que marcaram o meu percurso na EFP, nomeadamente:

- Justino João - Antigo Director (em memória);
- Fernando SAKOLELA Sakanhe - Sub-director Pedagógico da EFP até 2009;
- Professora Idalina (Então Sub-directora pedagógica para as classes de 11^a e 12^a);
- Orlando dos Santos Sassongo- Que me recebeu na Antena da 5^a Região Militar Sul;
- Sandra Serafim - que viu e partilhou o meu sofrimento;
- Benjamim Amadeu Bungo - até então Tenente-Coronel na Antena da 5^a Região Militar Sul e Co-fundador da Antena;
- Capitão Lino - grande colaborador na Antena da 5^a Região Militar Sul;
- Apolo Pedro Felino Yakuvela - General e Comandante da 5^a Região Militar Sul;
- José dos Santos Kakulipolwa - Antigo Director (em memória);
- Arcanjo Chivela (em memória) - antigo coordenador de disciplina de Língua Portuguesa (pessoa que me recebeu na mesma coordenação);
- Faustino Mangundo - Coordenador de Língua francesa;

Prefácio

Nosso amigo, Benício PUNA.

Após mergulhar e deleitar-nos neste pequeno, mas empolgante e profundo livro sobre Retrospectiva à Escola de formação de professores "Comandante Liberdade": Reflexões e Conselhos Práticos, que discorreste com muita sabedoria e de forma prática conseguiste conduzir neste livro referências vividas.

É uma obra que começou logo por nos despertar emoções que remeteram num passado recente do qual sentimo-nos motivados continuar esta caminhada inédita da responsabilidade de escrever este prefácio.

Este é um livro que consideramos deveras prático, sobretudo para quem quer agir e até mesmo pensar com o coração de professor.

O autor faz uma incursão histórica, verdadeira, sem muitos rodeios, desde a *Gestão de Recursos Humanos, Materiais e Financeiros*, para descrever, de facto, a vivência diária de como era realizado o *Processo de Ensino e Aprendizagem* que estava vocacionada à *Formação de Professores*, que por alguns momentos no seu decurso formativo se confundiu com a *Formação Geral*, sendo introduzidos cursos que não faziam parte do seu gene.

Pensamos, sinceramente, que esta obra vem um pouco tarde, mas com muita actualidade, pelo facto de estar carregada de extraordinárias experiências que o autor transporta e que construiu excelentemente ao longo dos sete anos que trabalhou como docente nesta instituição.

Devemos também referenciar a coragem e ousadia e não só, a criatividade que de forma subtil nos deu um puxão de orelhas (para nos despertar do sono do conformismo), ou seja, este é um livro que, sem a intenção clara do autor, deu para perceber uma teoria interessante, visto ser uma certa revolta interior pelo conformismo de insistirmos na habitual dormência de seres procrastinadores e teimosos.

Este misto de despertar e levar à reflexão do leitor é onde está o prazer do descobrimento das lacunas que a nossa E.F.P viveu e que mesmo assim nunca desistiu dos seus objectivos de formar com qualidade o quadro docente.

Acreditamos que as reflexões feitas neste livro, muitos dos leitores que terão a oportunidade de viver na pele o contexto descrito, pois, poderão mesmo admirar-se do quão íngreme foi o nosso trabalho, mas que naquele momento não houve tempo para tanta reflexão.

Sentimo-nos na ousadia de dizer que sim, valeu muito apenas colocar à disposição estas pequenas mas profundas reflexões. Agora dependerá de cada um de nós para tomarmos as nossas decisões.

Teodoro Bento

Director do Instituto Técnico de Saúde nº 1831 -

Centralidade da Quilemba

Fernando Sakolela Sakanhe

Director do Magistério Primário nº 137- Lubango



Índice

Introdução	13
Breve imagem da EFP até 2010	15
Organograma da Escola	19
O Director.....	21
A direcção Administrativa Gestão e Orçamento escolar.....	25
Área dos Recursos Humanos.....	25
Secretária-geral	25
Área da segurança.....	26
Área do património.....	26
As direcções pedagógicas	27
A direcção pedagógica para a 11 ^a , 12 ^a e 13 ^a classes	27
As Subdirecções pedagógicas para a 9 ^a e 10 ^a classe	28
Sector Académico	29
As coordenações de Disciplinas.....	30
O trabalhador não-docente da EFP	31
As matrículas.....	31
As provas.....	32
Aulas nocturnas na Superação	34
Aulas no Jango	36
Aulas práticas.....	36
Afinal, o que são práticas Pedagógicas?	36
Prática 1.....	39
Prática 2	39
Prática 3	40
Seminários.....	40

Estágios	41
O conselho de notas	42
O que era um conselho de notas na escola de formação de professores?	43
Ciclo de um conselho de notas e seus intervenientes.	45
Aprovação ou transição de classe	47
Reprovação e causas de reprovação	48
Motivações e incentivos	49
Assembleia de trabalhadores	51
Processos disciplinares na EFP	52
Conclusão	53

Introdução

Após uma reflexão séria, o autor quer neste livro mostrar à sociedade algumas das muitas inquietações que, a seu ver, vinham tirando algum prestígio à figura do Professor e da Escola de Formação de Professores, Comandante Liberdade (EFP" Cdte. Liberdade) do Lubango.

Ser professor não deve ser uma forma de procura de fama nem forma de subterfúgio, enquanto se procura por outro emprego mais atractivo do ponto de vista financeiro o que, nalguns casos, pressupõe o abandono das turmas a meio do ano lectivo, prejudicando, deste modo, todo um ano lectivo, causando prejuízos relevantes aos alunos. Não pode igualmente o professor, servir de reproduzidor de fascículos para fins lucrativos pessoais, obrigando os alunos a reproduzir conteúdos ou tirar cópias em casa, ou ainda a comprar esses mesmos fascículos, promotor de excursões intencionais, condicionando a transição dos alunos, enciclopedista autoritário perante os alunos, desprezando as opiniões dos mesmos e até considerando-os pessoas menos inteligentes, burros mesmo sabendo que é o próprio professor que os ensinou.

Muitos dos professores para se escaparem dos seus erros socorrem-se no argumento de que os alunos deste tempo já não sabem nada!

Há, entretanto, outros professores que se mostram chateados, contrariados, quando os alunos lhes colocam as dúvidas em contexto de sala de aulas. Diante do exposto questiono, onde está a deontologia e identidade profissional desses actores? Sabem ou não o que ensinam ou simplesmente transferem os conteúdos?

São pertinentes ainda as seguintes questões: i) serão os alunos tão vazios de saber? ii) os métodos usados por esses professores não contribuem para o baixo aproveitamento (fraca assimilação e o mau aproveitamento escolar) destes mesmos alunos?; iii) como professor, alguma vez se questionou sobre os seus procedimentos perante os alunos?; iv) ou apenas considera de bom e melhor aluno aquele que tira notas altas?

Para além de tantas e outras questões que colocaria neste manual, não é minha pretensão, desprezar ninguém, mas aconselhar desde o meu ponto de vista, todos os que querem verdadeiramente seguir a carreira docente.

A ideia de escrever este livro surge de várias preocupações e reclamações de alunos, pais e encarregados de educação e de outras entidades sociais.

A minha actividade docente mostrou-me várias experiências. Nada tem muito a ver com outras bibliografias, no entanto, exprimir tudo quanto sinto por aquilo que tenho vivido.

Neste livro estão desenvolvidos vários temas, com maior destaque para *os perfis do Professor e do aluno, sistema de avaliação no âmbito da Reforma Educativa, planificação de aulas, o papel verdadeiro do conselho de notas, as pautas e conclusões.*

Breve imagem da EFP até 2010

A Escola de Formação de Professores (EFP) Comandante Liberdade - Lubango, localizada até então na cidade do Lubango, no Bairro Lucrecia. Era designada EFP mas não mostrava uma representatividade



estrutural de uma escola condigna para formação de professores do país.

É uma casa adaptada para acudir as demandas do país em termos de ensino/aprendizagem. A "casota" tinha sete salas de aulas teóricas e uma sala de informática, um gabinete do Director, um gabinete do Subdirector Administrativo, uma Secretaria onde se encontrava também a área dos Recursos Humanos, uma sala de professores, um quartito que foi adaptado para sector académico, um corredor denominado por gabinete do chefe do património, nove contentores em forma de comboio, onde se encontravam a subdireção pedagógica, outra parte do sector académico, as coordenações de disciplinas e a secção de reprodução de documentos.

A Escola de Formação de Professores possuía também oito quartos de banho e igual número de salas de aulas, ainda, um beco denominado por cantina e um beco onde ficavam os guardas da escola.

Em 2003, como forma de responder à grande procura pela EFP, por iniciativa da Direcção Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia, foram criadas as ANTENAS da Chibia, Humpata, Gambos, Quipungo, Matala, Cuvango Jamba Quilengues e Caluquembe, que eram coordenadas pedagogicamente pela EFP. A Antena de Caluquembe respondia pelos municípios de Caconda e

de Chicomba. A Antena Militar respondia pelas áreas do Hospital Militar, Comando, Logística e Escola Inter-Armas de Sargentos-EIAS.

A EFP criou também o que designamos de ILHAS, onde se encontravam outras salas de aulas de Mecanização, Jango e Superação.

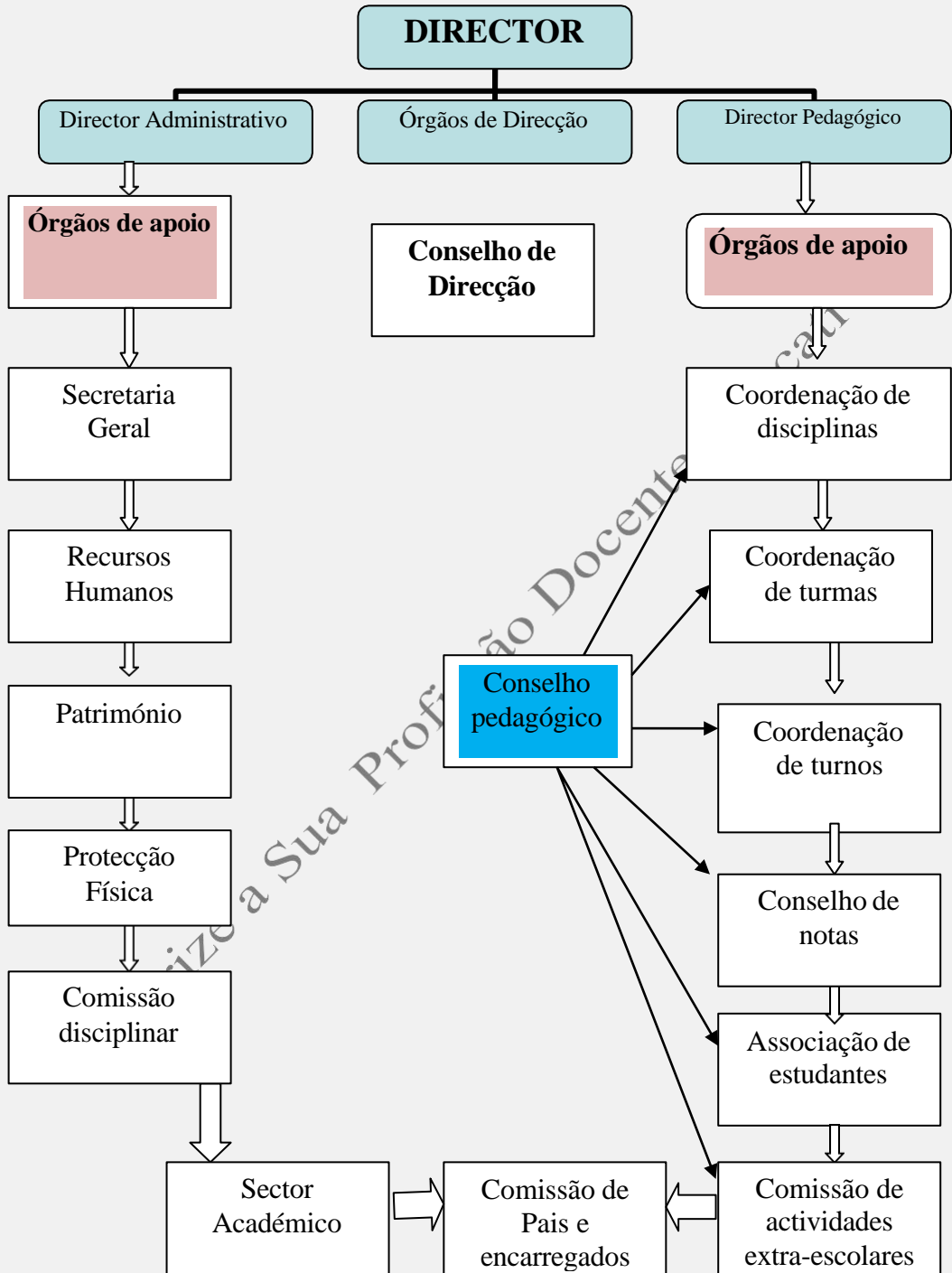
Alguns colégios para assegurarem os seus interesses financeiros, embora acudissem também a demanda da procura, foram supervisionados pedagógica e metodologicamente pela EFP, durante esses anos.

A EFP não tinha Biblioteca, campos gimnodesportivos e laboratórios. A certeza é que os alunos formados na EFP acarretavam um leque de conhecimentos teóricos sólidos mas que se tratando de Educação Física, a cadeira era leccionada teoricamente na 11^a e 12^a classes por falta de espaço próprio para as aulas práticas. Com o desdobrar e muito sacrifício dos professores, algumas aulas práticas de Educação Física eram ministradas no campo da Escola Mandume e do ISCED- Huíla.

Na altura, a EFP tornou-se uma escola vítima de testagem de vários cursos como Ciências Económicas e Jurídicas, Ciências Físicas e Biológicas, Ciências Humanas, e curso do Magistério Primário. Às vezes não conseguia entender se estávamos a formar professores ou juristas ou militares ou enfermeiros.

Organograma da Escola

O organograma de uma instituição representa a hierarquia dos postos de funções de cada indivíduo ou indivíduos indicados para assumir um determinado cargo. Desde 2004 e pelas especificidades que a própria instituição apresentava, a EFP estruturou o seu organograma da seguinte forma:



O Director

O Director como gestor máximo da instituição deve ser o mais pontual e o mais exemplar em todas as acções, em benefício da instituição e, sobretudo, da sua dignidade pessoal. As mudanças quer sejam positivas quer negativas de uma instituição devem acima de tudo, reflectir no desempenho do gestor máximo. Muitos, para eles, acham que ser director é uma profissão. As profissões são permanentes, mas o cargo e a chefia passam. Infelizmente as nomeações de directores escolares dependem das afinidades dos gestores máximos, mas esqueceram-se que as competências acompanhadas da personalidade e responsabilidade do indivíduo ocupam o primeiro lugar.

Na minha opinião, os cargos de directores deveriam ser por candidaturas onde cada um possa apresentar o seu pensamento em forma de um plano de acção durante o seu mandato. Infelizmente, os directores tornaram-se patrimónios das instituições.

Um director não deveria só se limitar estar no gabinete, mas sim acompanhar e orientar os seus colegas. O director deve reconhecer o empenho dos seus colegas em todas as situações da vida da instituição e não só quando a aflição atinge ao seu lado.

Em muitos casos, temos directores que não conhecem todos os professores da sua jurisdição e é fácil compreender isto porque raramente se realizavam as assembleias de trabalhadores. Este é um assunto que abordaremos mais adiante.

Deixo aqui a minha reflexão de que todo director deve ser o mais simples possível, respeitoso com os seus dirigidos, até porque são colegas independentemente do cargo que ocupa. O sucesso do director depende desse elenco pois, cada um deles responde uma parte para complementar a missão, visão, valores e os objectivos da instituição.

Apesar de trazermos aqui a reflexão sobre o papel do director, não deixaria de enaltecer publicamente a forma calorosa como fui recebido pelo então Director Justino João(em memória) em



2003 na Escola de Formação de Professores ‘‘ Comandante Liberdade do Lubango.

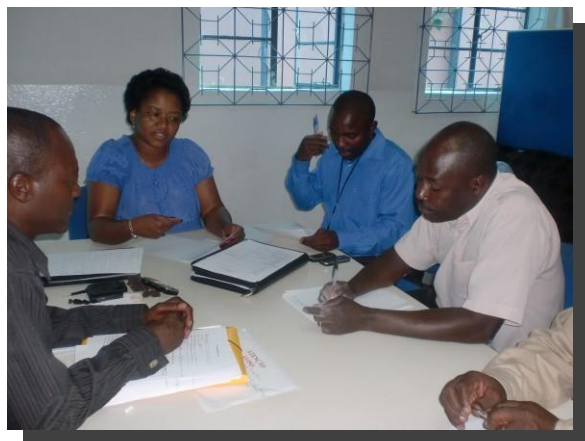
A minha entrada nesta instituição teve maior ênfase quando já era jogador da equipa da EFP, mesmo não sendo professor naquela escola.

Numa bela manhã quando procurava uma escola para a minha colocação depois de ter trazido a minha transferência de Benguela, não pensei em outra escola senão a EFP onde já sentia uma grande simpatia do então Director. Ganhando a coragem coloquei a minha

RECORDAÇÕES



Professores , Justino João, Rafael Sapalalo, Manuel Monteiro, Manuela do Rosário e Pedro F. Ebo- em sessão de diagnóstico supervisivo.



Profs. João Londa Vueba, Manuela Chimene e Rafael Sapalalo

preocupação e positivamente fui aceite e, tendo sido colocado na Antena Militar que tinha salas distribuídas em três áreas nomeadamente: Escola Inter- Armas de Sargentos, Logística,

Comando da 5ª Região Militar, Hospital Militar e Sinfo. Na verdade, quem era coordenador desta Antena é o Professor Orlando dos Santos Sassongo que imediatamente me recebeu

para fazer parte da equipa de professores e da Coordenação da respectiva Antena.

A EFP foi também a origem da minha formação em supervisão Pedagógica, tendo sido selecionado pelo professor e Subdirector Pedagógico para a 9ª e 10ª classes, Fernando Sakolela Sakanhe que no âmbito do Plano Mestre de Formação de Professores criado e dinamizado pelo Instituto Nacional de Formação de Quadros do Ministério da Educação, a Huila albergou a formação de supervisores Pedagógicos em 2009-2011 no Magistério Primário nº 137 - Nambambi.



A paixão e sacrifício pela Educação fez com que saísse 2h da noite dos contentores da EFP com o incansável professor Sakolela para casa. Um momento inesquecível!

A direcção Administrativa Gestão e Orçamento escolar

A sustentabilidade da EFP depende muito da criatividade do gestor administrativo que deve pôr todo aparato indispensável do sucesso escolar à disposição de todos.

A EFP é uma instituição orçamentada e devia dispor de condições condignas em todos os gabinetes e outras áreas da instituição. Lamentamos, por vezes, que o gestor administrativo não o faça porque as condições que a instituição apresenta não são das melhores para uma escola de formação de professores.

Área dos Recursos Humanos

A área de controlo de todos aqueles que asseguram o trabalho da escola, desde o corpo directivo, docente, não docente e administrativo. Esta área deve, por obrigatoriedade, conhecer todo trabalhador da instituição. Até 2007 esta área era esquisita, sem qualquer organização. É de agradecer que hoje já se manifesta o funcionamento positivo.

Secretaria geral

Precisa-se dinamizar esta área e talvez rejuvenescer o pessoal técnico da mesma. Ninguém sabe quem é quem! Todos parecem ser chefes. Tratar uma declaração é um caso caricato. O

regulamento diz que durante 8 dias pode se receber uma declaração mas o que vemos e se não tiver cunha, até o próprio requerimento desaparece. O aluno às vezes solicita duas, três e n vezes. É uma área auxiliada pelo sector académico, no caso concreto de emissão de Certificados /declarações.

Área da segurança

A segurança da instituição depende muito daqueles que se entregaram não só por motivos de falta de emprego e pela procura do pão, mas acima de tudo, de contribuir a sua parte para o desenvolvimento do país.

A escola de formação de professores tem uma equipa de protecção muito coesa e organizada. Mas é claro que neste elenco também há aqueles que deixam a desejar ... o álcool é um dos seus bons amigos destes outros integrantes.

Área do património

Nada podem utilizar na instituição em termos de equipamentos e materiais se o responsável pelo património não der o seu parecer. Todo material existente na EFP deve ser registado pelo chefe do património da instituição.

As direcções pedagógicas

A vida numa escola depende muito da área pedagógica, embora os administrativos achem que são os melhores. Tudo quanto se pensa em termos de melhorias de condições, reflecte imediatamente a



Professor Fernando SAKOLELA Sakanhe

existência de alunos e professores. Organizar matrículas, listas de alunos, mini-pautas e pautas passa por esta área, embora os outros achem que a direcção pedagógica é a menos importante numa escola.

Esta área não é senão a mais responsável pelos professores, isto é, eu como professor, o meu chefe mais directo é o director pedagógico pois é com ele que lido diariamente.

A direcção pedagógica para a 11^a, 12^a e 13^a classes

É a única escola a nível do país que constituiu duas subdirecções pedagógicas. A iniciativa não é negativa mas cria obstáculos na resolução de problemas da instituição porque os dois subdirectores pensam de formas diferentes. Na situação em que

a EFP se encontra, tinha que se tomar esta decisão. A escola controla mais de 8.000 alunos, incluindo as Antenas nos municípios. Antenas aqui significam as extensões que existiam e dependentes da Escola de Formação de Professores ‘‘ Comandante Liberdade’’ . Resolver uma situação na área de especialidade é uma lama o que implica dizer que não é possível mandar voltar alunos dois dias ou mais para resolver uma situação. Tudo isto passa por uma deontologia profissional.

Em 2009 esta área não exerceu activamente as suas funções por se sentir talvez isolada até porque reclamava ser a área em que se prestava menor atenção, quando comparada a outras.

As Subdirecções pedagógicas para a 9ª e 10ª classes

Esta área é a mais que sofre na EFP talvez pela sensibilidade do grupo que lá trabalha na resolução dos problemas. O gabinete é um contentor quente, apertado, com janelas partidas pelos alunos enquanto reclamam os seus problemas. Com a ausência da 9ª classe, esta área ficou a responder por questões relacionadas a 10ª classe da Reforma Educativa e agora pela formação geral, com os cursos de Ciências Humanas, Ciências Físico - Biológicas e Ciências Económico e Jurídicas.

É de realçar que a escola de formação de professores suporta três currículos o que não é normal para uma formação de professores. O Magistério Primário também se encontra na EFP em fase de experimentação.

A direcção pedagógica é auxiliada pela área de rizografia, onde toda a reprodução de documentos, provas constitui o indispensável na área.

Sector Académico

O centro da vida da escola, onde se encontra tudo sobre a documentação dos alunos. O arquivo continua a ser o modelo antigo, pautas de tamanho A₁, dobradas em cartolinas, os computadores existem, mas não são utilizados por falta de quadros qualificados na área até andam cobertos pelo pó. Esta área, rejeita emitir declarações de frequência. Por exemplo, a um aluno que tenha uma cadeira em atraso não lhe é admitido solicitar uma declaração e eu pergunto, se isto ocorre apenas nesta instituição.

Acho que se o aluno tiver alguma cadeira em atraso, caberá à direcção observar na parte inferior da declaração a disciplina não concluída.

O sector académico nem sempre atendeu às preocupações dos alunos nos prazos que a própria direcção define. Os alunos ''

coitados'' são obrigados a voltar muitas vezes à escola para resolver um assunto que deviria ser ultrapassado em pouco tempo. Por exemplo, um aluno querendo saber o seu número de processo individual, leva muitas vezes uma, duas ou três semanas para ser atendido.

As coordenações de Disciplinas

O equilíbrio da direcção e em particular da direcção pedagógica depende sobretudo da constituição das coordenações de disciplinas. A escola de formação de professores compreende um total de 16 coordenações de apoio a actividade docente:

- A coordenação de Língua Francesa
- Coordenação de Língua, Inglesa
- Coordenação de Língua Portuguesa
- Coordenação de Biologia
- Coordenação de Química
- Coordenação de Geografia
- Coordenação de História
- Coordenação de Matemática
- Coordenação de Física
- Coordenação de Pedagogia, Práticas...
- Coordenação de Psicologia - (TDC, ASEAGE)
- Coordenação de Educação Física

- Coordenação de Filosofia
- Coordenação de Informática
- Coordenação da Comissão de Disciplina
- Coordenação para as actividades intra e extra-escolares

O trabalhador não-docente da EFP.

O trabalhador não-docente da EFP é todo aquele que não exerce directamente a actividade docente, ou seja, os funcionários da secretaria, de limpeza de reprodução de documentos ou provas de professores e de escola, de segurança e alguns do sector académico.

Estes funcionários sofriam desprezos por alguns professores, numa atitude pouco deontológica. Eram considerados de inocentes. Só que por um lado, muitos deles mesmo com idade ainda aceitável não queriam continuar os estudos.

As matrículas

Falar do acesso de novos candidatos à EFP foi sempre algo muito difícil, pelas suas e más condições de infra-estruturas. Muitos indivíduos faziam das matrículas como fonte de receitas. Introduziam alunos nas salas, dando esperança aos mesmos de que a subdirecção pedagógica iria resolver a situação.

Essas mesmas pessoas faziam listas de candidatos, cobrando valores para posteriormente fazerem chegar à Subdirecção pedagógica, o que nunca acontecia. Só que se esqueciam que era uma atitude inadmitida pela Direcção da Instituição.

Os trabalhadores, na sua maioria, lamentavam da não facilidade de matricular um familiar na EFP, porque diziam que a Direcção da escola não olhava para ninguém. Só que esses colegas e muitos deles ao invés de pensarem matricular o seu próprio filho ou outro familiar directo, priorizavam uma outra pessoa, porque dela teriam proveitos financeiros. Daí que por um lado a direcção só preferia atender casos ligados directamente a um filho e talvez sobrinho do próprio professor.

As provas

É verdade que existe o calendário escolar estabelecido pelo Ministério da Educação, mas o professor deve saber antecipar aos alunos os prazos da realização das provas para que não sejam surpreendidos como muitos têm vindo a fazer. Actualmente, o aluno não precisa de surpresas para realizar uma determinada prova. O aluno que sabe, faz prova a qualquer altura e o que não sabe previna-se atempadamente sempre precisou de explicação, tópicos antes da prova.

O professor deve saber elaborar provas, provas que vão de encontro com o conteúdo ministrado. As provas devem ser precisas, coerentes, transparentes e acima de tudo com uma instrução clara. Evitemos continuar a aplicar provas manuscritas, embora reconheçamos que há ainda muitas dificuldades financeiras para adquirir meios tecnológicos (computador, por exemplo).

Já é a hora de todo professor utilizar a informática, aliás, as novas tecnologias de informação e comunicação em educação estão à porta de toda gente. Se não sabe, não tenha vergonha de aprender, pois a sua idade não pode ser impeditiva para nada.

Há professores que não elaboravam provas e só transferiam as provas do ISCED ou de outra instituição superior para os alunos do ensino médio. Queriam medir a capacidade dos alunos com as provas que não conseguiam eles mesmos resolver no ISCED.

Não elabore provas para se vingar dos alunos! Todo professor deve ter o mínimo domínio em língua portuguesa, já que é a oficial do país, para que ao ensinar o aluno não tenha dificuldades de receber os conhecimentos.

Tratando-se de correcção de provas, o professor não se deve apenas limitar em corrigir os aspectos das equações, o ácido

sulfúrico, fontes históricas, rochas ... só porque é professor de Matemática, Química, História, Geografia... deixando os erros ortográficos na responsabilidade dos professores de línguas.

Os erros ortográficos não só dependem das especialidades, mas sim do conhecimento. Só porque és professor de Matemática que não consegues escrever a palavra «ácido sulfúrico»? Ou de Química que não consegue escrever a palavra «tangente»?

Acho que cada professor não deve ter receio de perguntar aos outros colegas para lhe superar uma determinada dúvida. Aprender é um acto de aquisição de conhecimentos sem limite de idade, género, personalidade social, tempo e nem de espaço.

Virou moda nas escolas de formação de professores quer da parte dos professores quer da parte dos alunos, realçarem que as disciplinas de Matemática, Física Química sejam as mais difíceis. Não é verdade. O problema, em certo ponto, reside no professor da cadeira. Todas as disciplinas estão na mesma categoria desde que as mesmas estejam no currículo e respondam o perfil do aluno neste do currículo.

Não vamos tornar difícil a disciplina só porque se quer que os alunos considerem a mais importante! Seja transparente na

transmissão dos seus conhecimentos para que os alunos compreendam melhor.

Aulas nocturnas na Superação

Se havia salas poucas adequadas, dependentes da Escola de Formação de Professores, era mais fácil encontrá-las na *Superação* como uma das ilhas que apresentava muitos problemas. Salas sem condições próprias para formar professores.



O fornecimento da luz eléctrica era um caos, o que ajudava certos professores a aproveitarem-se de fugas para o cumprimento das suas actividades. E os alunos, pior ainda, já que a borla era o rebuçado mais apreciado pelo aluno. Quem não tinha cão caçava com gato, esta era a forma que a EFP encontrava para minimizar certas dificuldades da população. Não existiam quartos de banho na *Superação*. imaginem!.

Aulas no Jango

Para quem não conhece, o Jango fica no Bairro Sofrio, por detrás do Instituto Médio de Economia do Lubango-IMELUB, actual Instituto Politécnico nº 131. Era um grande pneu de socorro e, pelas condições que apresentava, muitos professores não aceitavam lá ir trabalhar.

Aulas práticas

As aulas práticas representavam uma apresentação de conhecimentos adquiridos durante o 2º semestre da 11ª classe e que devem ser verificados no segundo semestre da 12ª classe. Muitos dos professores faziam a distribuição dos temas aos alunos já no primeiro trimestre. Era um erro, pois, os temas deviam ser distribuídos pelos professores das escolas de aplicação. Havia aulas práticas que eram acompanhadas pelo próprio professor da disciplina durante o ano lectivo, mas no final, o aluno mestre era acompanhado por três professores, sendo um presidente e dois vogais.

Afinal, o que são práticas Pedagógicas?

São as acções que usamos para ensinar, desde como preparar uma aula, com qual técnica/metodologia a usar. Pode ser construtivismo ou técnica de transmissão cultural, ou pode ser

outras formas, em que decidimos quais habilidades e quais competências queremos que os alunos desenvolvam, isto é, desde a escolha dos temas a serem estudados, como será abordado o tema em sala de aulas, se usamos PowerPoint, só giz, ou se trazemos modelos práticos, se usamos aulas de laboratórios, seja de Química ou de Eletricidade ou de informática.

Falar das aulas práticas naquele momento era uma situação questionável no seio de alguns professores da EFP. O aluno nem sempre tinha disponibilidade financeira a tempo e hora, mas também não era uma obrigatoriedade do aluno compartilhar financeiramente durante as aulas práticas.

Esta frase quer nos dizer que havia professores que colocavam a situação de dinheiro antes de avaliar um trabalho prático. Acho que não devemos trocar os nossos conhecimentos por dinheiros só porque o aluno deve apresentar uma aula prática para que no final tenha uma nota positiva.

Durante a minha vivência na EFP, constatei esta prática e que considero de uma grande vergonha. Havia professores que não acompanham os alunos nas escolas de aplicação, mandavam-nos

individualmente. Por vezes, a avaliação era feita entre colegas da mesma turma.

Falamos da escola de aplicação, mas a EFP não tinha. Os professores passavam a rodear a cidade inteira a procura de uma escola onde os discentes podiam apresentar uma aula prática.

O professor da EFP e por falta de estruturas próprias era o mais conhecido a nível do Lubango porque passava a circular por toda cidade, a procura de escolas para aulas práticas.

Os protocolos entre a escola de formação de professores e as de aplicação, quanto à legalização e/ou formalização das aulas práticas, criava por vezes muitos transtornos aos alunos. Algumas direcções das escolas de aplicação desconheciam da legalidade do aluno quando este era indicado para dar aulas práticas na escola em que dirigia. Era preciso que esse protocolo fosse enviado pontualmente.

Muitos directores se esqueciam que as escolas que dirigiam eram públicas e que pertenciam a todos nós.

Todavia, não havia motivo para impedir um aluno estagiário que tenha apresentado o seu protocolo.

Prática 1

Às vezes, a prática 1 era confundida por muitos professores como sendo também uma fase de simulação de aulas. A prática 1 é uma fase de integração, ou seja, de socialização, onde o aluno tem a oportunidade de estar em contacto com a escola onde estuda, conhecer o organograma da escola, desde os gabinetes dos directores, secretaria, sector académico, coordenações de disciplinas e enfim. Na 11ª classe é onde a socialização começa.

O aluno nesta prática, sob orientação do seu professor, podia também conhecer outras instituições académicas onde posteriormente iria observar aulas ministradas pelos professores das escolas de aplicação.

A socialização ajuda o aluno a fazer uma análise de como é constituída a escola onde estuda e até mesmo onde vai realizar as suas aulas de prática pedagógica.

Prática 2

Quando o aluno já conhece as estruturas e o seu funcionamento por onde vai eventualmente realizar as suas aulas práticas, na prática 2 já é a fase de simular todos os métodos ensinados pelos professores de metodologia e de práticas. Nesta fase, o aluno

começava a elaborar o plano de aula e apresentava através de uma aula simulada na própria sala onde estudava. Esta aula é avaliada não só pelo professor, mas também pelos colegas da mesma turma.

Prática 3

Esta fase nada mais é, senão a deslocação do aluno para fora da sua turma. O aluno entra em contacto directo com as escolas de aplicação. É uma etapa de preparação para o estágio, os temas a serem dados devem ser recolhidos a partir do professor tutor, sem alteração do programa do 1º ciclo do ensino secundário.

Seminários

Os seminários ajudam o aluno a discutir as suas ideias, analisar os planos de aulas, apresentar um tema perante os colegas e o professor.

No seminário, o aluno procura adaptar-se e sentir-se à vontade, falar diante de pessoas, exercita a sua expressão oral o que muitas das vezes cria timidez a certos alunos.

O professor de práticas tem a liberdade de ouvir, corrigir e orientar de forma colectiva as insuficiências dos seus educandos.

Estágios

Na Escola de Formação de Professores até então não se fazia sentir o estágio como era previsto. O estágio tinha um carácter de simples práticas onde o professor de práticas estava permanentemente junto do aluno estagiário.

O estágio é a fase culminar do aluno já na 13^a classe. O estágio deve ser realizado durante o ano lectivo, isto é, o aluno recebe e assume a responsabilidade da turma a partir da escola de aplicação logo no início do ano lectivo.

O estagiário é acompanhado pelo professor-tutor, ou seja, o professor da turma na escola de aplicação. O professor de práticas supervisor de práticas pedagógicas, passava de vez em quando para se informar do empenho do seu aluno através do professor-tutor.

Para viabilizar de forma rápida e organizada, a Direcção da escola de formação de professores devia, com antecedência, enviar a relação nominal dos finalistas já no final do ano lectivo da 12^a classe para que as escolas de aplicação pudessem fazer a distribuição de turmas aos estagiários.

O estágio tem um papel preponderante, pois ajuda ao aluno a ter a responsabilidade e ser criativo, bem como lidar directamente com o mundo de trabalho de forma a associar os saberes com os saberes-fazer.

Durante o ano lectivo, o estagiário torna-se um funcionário da escola de aplicação embora não remunerado. O estágio não só beneficia o aluno estagiário, mas acima de tudo ajuda a direcção da escola como forma preventiva de qualquer ausência de um determinado professor que, por vezes, se encontra doente e sobretudo as professoras em estado de gestação.

Se o estagiário for eficaz e eficiente, pode ser efectivo na respectiva escola, cumprindo a solicitação da direcção da mesma (se houvesse uma autonomia de concursos públicos de ingresso de novos Agentes de Ensino).

O conselho de notas

O que era um conselho de notas na escola de formação de professores?

É óbvio que cada professor teria a sua definição. Na minha opinião, apresento seis definições de um conselho de notas:

1. É uma fase de lançamento, análise e discussão de notas e resultados dos alunos após uma avaliação trimestral ou semestral do ano lectivo antes da publicação das mesmas;
2. Um grupo de professores da mesma turma, indicado pela Subdirecção Pedagógica, a fim de lançar notas de mini - pautas para pauta, analisando e discutindo sobre o comportamento escolar do aluno durante o trimestre ou semestre do ano lectivo e consequentemente a publicação dos resultados;
3. É uma avaliação global do aluno de cada ano lectivo;
4. É uma simples transferências de notas de mini - pautas para pauta sem análise e discussão sobre o comportamento escolar do aluno durante o ano lectivo, prejudicando-o por um simples 5 valores numa disciplina, só porque o Conselho não analisou e nem tão pouco verificou a evolução positiva das alunas nas outras disciplinas quer sejam específicas quer de formação geral.
5. É um grupo de 2 ou mais professores da mesma turma ou mistos constituídos por um Director de turma como presidente e um secretário com mais outros professores auxiliares, a fim de avaliar o comportamento e aproveitamento escolar do aluno.
6. É o órgão máximo e de decisão acerca do comportamento académico do aluno, facto que torna imperioso cumprir um regulamento.

Até porque o aluno já não tinha direito dos seus 2 valores de voto como regia o sistema de avaliação, só por se tratar de uma cadeira de especialidade! Propunha-se que estes 2 valores sejam atribuídos quer para as cadeiras de especialidade quer de formação geral.

Muitos dos professores perderam a sua deontologia profissional. Enquanto decorria o processo do conselho de notas, não se devia dizer nota a nenhum aluno. Mas os outros serviam de transmissores aos alunos de tudo quanto se passava durante o Conselho. Há quem até fazia o seu negócio com os alunos quando estes tivessem notas baixas nas outras disciplinas. Muitos dos professores não terminavam o Conselho e nem tão pouco as pautas a que lhes eram incumbidas a fazer.

Na maioria dos casos, os conselhos de notas eram violados nas suas regras. Nem sempre o Director de turma era professor da mesma turma por existirem inúmeras turmas e que o colectivo de professores não conseguia responder à demanda. Acabavam os professores por não conhecer os alunos. O conselho de notas era feito por um único professor. Imagine-se o tempo que este levava para terminar uma pauta! As mini - pautas não eram entregues às Coordenações de disciplinas e imediatamente à Direcção pedagógica a tempo e hora estipulados.

Infelizmente, o Director de turma só desempenhava as suas funções no fim do ano lectivo e as correrias. Acabava por não conhecer a vida da turma que comandava no que concerne ao processo organizativo dos processos individuais, problemas que os alunos enfrentavam com outros professores... O Director de turma devia ser mediador da respectiva turma.

Ciclo de um conselho de notas e seus intervenientes.

O sucesso de um bom e melhor conselho de notas deve ter as seguintes estratégias indispensáveis:

- a) A Sudirecção pedagógica deve, com antecedência, convocar, no prazo de pelo menos 30 dias, os coordenadores de disciplinas e avisá-los, através de uma reunião pedagógica, sobre as datas da realização do conselho;
- b) Os coordenadores de disciplinas devem reunir com os professores da sua coordenação, actualizando-os sobre o sistema de avaliação, formas de preenchimento de mini-pautas, os mecanismos de arredondamento das médias e, de igual modo, avisá-los com antecedência no prazo de pelo menos 25 dias para a entrega de mini-pautas;
- c) Os coordenadores de disciplinas, após a verificação das mini-pautas, devem fazer a entrega das mesmas à direcção pedagógica 10 dias antes da realização do conselho;

d) A direcção pedagógica organiza as mini - pautas por disciplinas e turmas, e outros regulamentos indispensáveis, coloca-os nas respectivas pautas;

e) As pautas devem ser dactilografadas ou informatizadas no final do 2º trimestre, já que até a esta data as relações nominais dos alunos estão concluídas.

Ciclo de um conselho de notas e seus intervenientes.

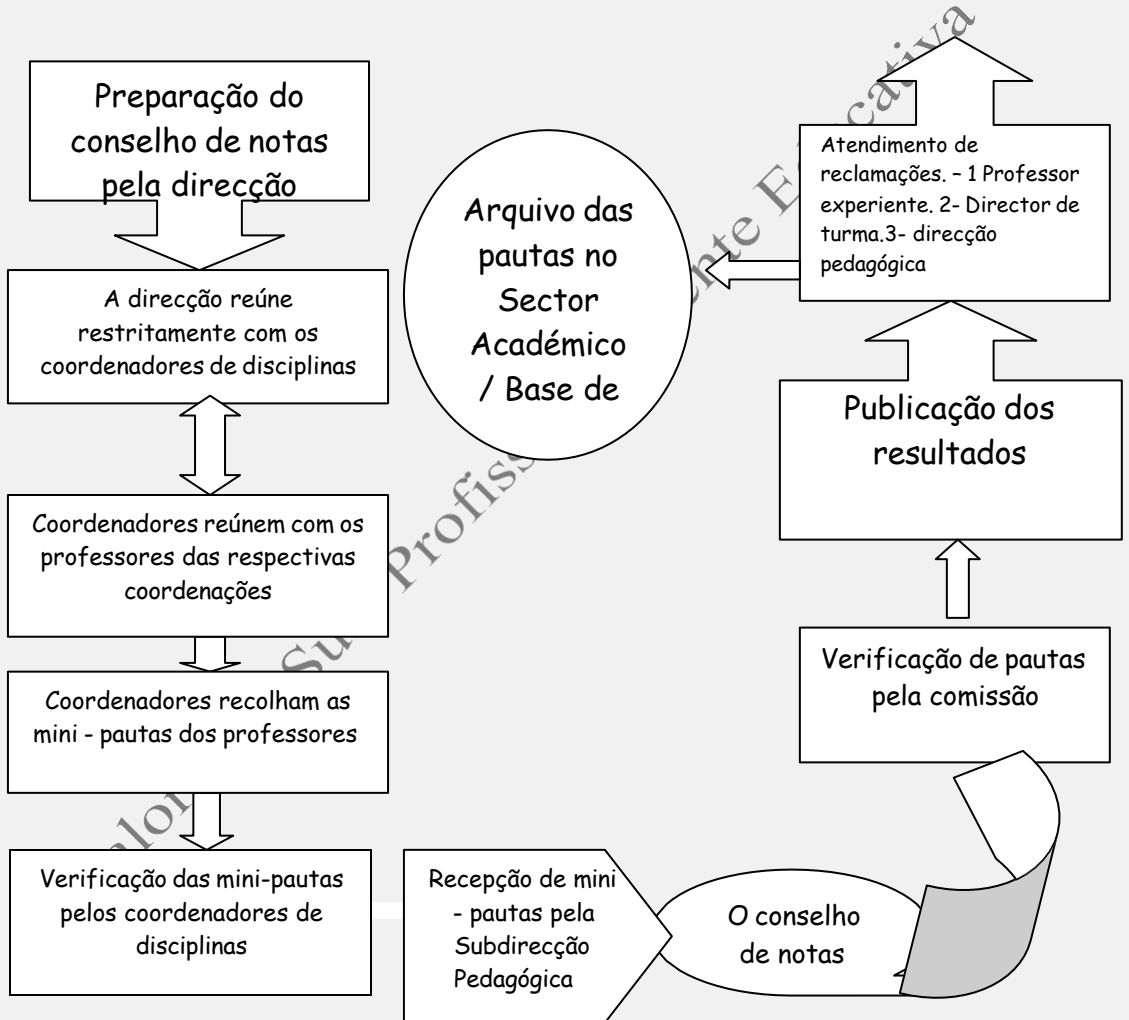


Fig. Proposta por Benicio Puna

Aprovação ou transição de classe

É verdade que o aluno só aprova de classe quando tiver um comportamento qualitativo e quantitativo positivo em todas as disciplinas da classe em que frequenta durante o ano lectivo.

O aluno que tinha duas cadeiras com notas negativas de 8 valores sendo uma de especialidade ou especifica como já era chamada e outra de não especialidade ou de formação geral, não deveria reprovar. Não reprova porque se o aluno tem direito de 20/10 valores deve se votar os 2 valores na cadeira especifica e fazendo o recurso ou transportando - a para a classe seguinte.

Se o aluno menos aplicado na turma passa de classe porque o seu tio ou irmão fez pedido em alguns professores, logo todos deviam passar.

A disciplina de Língua Portuguesa é indispensável em todas as especialidades, mas não deveria definir a reprovação do aluno quando se tem uma nota igual ou superior a 7 valores. O problema às vezes não está no aluno. O próprio professor também enfrenta graves problemas de expressão em LP.

Vejamos alguns casos injustos que eram de reprovação dos alunos na escola de formação de professores:

1. O aluno de especialidade de História-Geografia tendo 11 cadeiras do seu currículo, é atribuído a nota única negativa de 5 valores numa cadeira de não especialidade reprova imediatamente!
2. O aluno com uma única nota de 7 valores em LP reprova!
3. O aluno com uma única nota de 7 valores em Inglês, Francês ou Filosofia na 11ª classe reprova! Não acha que se aumentar 1 valor neste aluno, pode transportar se não quiser fazer recurso?

Reprovação e causas de reprovação

Nem sempre o aluno reprovava porque teve a sua avaliação sumativa negativa, mas porque o professor já não gosta de si. Porque o aluno não dava dinheiro (*Kumbú, , argent, money*) ao professor. Porque não tinha o seu tio, primo, irmão como professor da escola. O aluno podia reprovar porque:

- a) Não era aplicado durante as aulas;
- b) O professor não o apreciava;
- c) O professor não dava aulas frequentemente e no final advinhava as notas dos alunos;
- d) Chegava sempre atrasado;
- e) Faltava uma nota em alguma disciplina porque o professor não lançava e nem se-quer dava ouvido ao aluno para sua reclamação;
- f) Por falta de motivação numa disciplina porque o professor era mau e não ensinava bem;

- g) Faltou numa prova e o professor da cadeira não aceitava a justificação da sua ausência;
- h) Médias inferiores a dez valores sem o mérito de votação;
- i) O aluno era indisciplinado;
- j) O professor faltava muito durante as aulas e os alunos não conseguiam resolver a prova final;
- k) A Coordenação de disciplina não assumia a situação do aluno;
- l) A mini - pauta desaparecia e a Coordenação não se responsabilizava pelo erro do professor e /ou da instituição;
- m) As condições sociais e económicas dos pais e encarregados de educação não correspondiam ao o desejo do aluno.

Motivações e incentivos

Este processo em que o conhecimento, através de seu referencial teórico, dos factores que levam à motivação, ao mesmo tempo possibilitam o conhecimento da origem da desmotivação e a verificação do professor e da família neste processo.

Partindo do pressuposto de que a curiosidade é um elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem, ao ser despertada pelo professor, ela contribui para a motivação dos alunos na busca dos conhecimentos.

Neste livro queremos mostrar de que os métodos e experiências dos professores sobre como é possível motivar os alunos no processo de ensino-aprendizagem dependem por um lado, do afecto entre o professor e aluno e por outro, o domínio do conteúdo pelo professor.

Os resultados mostram que muitos recursos facilitadores do ensino-aprendizagem faltam a escola, mas que, na percepção dos professores, apesar desta falta, as condições motivadoras na sala de aula dependem menos disto, é mais da contribuição do professor para despertar o interesse dos alunos, já que, além do valor motivador que o conteúdo em si pode e deve ter, o contexto de ensino-aprendizagem é influenciado por muitos factores, onde os sujeitos destacam factores afectivos vigentes na relação professor-aluno, tais como: a disponibilidade do professor para o aluno; o respeito e afecto presentes na relação, bem como, a capacidade do docente de ser acolhedor e positivo.

A criatividade directiva numa instituição é importante. Por vezes, os professores envidam os esforços para levar as acções da escola num bom caminho, mas não há retorno de reconhecimento.

Levava sete anos de trabalho efectivo na EFP mas nunca, em nenhuma circunstância, constatei a realização de uma actividade organizada pela direcção onde se reconhecesse o empenho dos

trabalhadores, por exemplo: reconhecimento de um trabalhador administrativo mais pontual e assíduo; um professor mais pontual... Infelizmente os gestores pensam que reconhecer o desempenho de um trabalhador da instituição que dirige é um desperdício. Até um certificado de reconhecimento torna-se impossível.

Assembleia de trabalhadores

Era uma vez falar de uma assembleia de trabalhadores na EFP. Realizar uma Assembleia Geral é sempre importante. É aí onde cada trabalhador tem a ocasião de manifestar os problemas afectos à escola e de relacionamento interpessoal. É aí onde se dá o ponto de partida de um ano lectivo. É aí onde se verifica o ocorrido de um ano lectivo. É aí onde se pode reconhecer o desempenho de trabalhadores e que podem ser destacados publicamente.

Qual é o medo de realizar uma Assembleia-Geral de trabalhadores? Penso eu, uma assembleia, serve de instrumento para planificação, preparação, organização, arranque das actividades da escola e avaliação do ano académico.

Processos disciplinares na EFP

Quando pensamos que devolver os professores à Direcção Provincial da Educação é resolver um problema, devemos colocar as seguintes questões:

1. Quantas vezes o colega cometeu uma indisciplina na escola?
2. Quantas vezes foi perdoado?
3. Como tem sido a sua relação com os colegas?
4. Quantas chamadas de atenção registadas no seu processo individual?
5. Que dimensão grave tem o crime cometido?
6. Quais as possibilidades de resolução interna da situação?
7. Que comportamento negativo registado por parte dos alunos?
8. Que lacuna pode provocar no seio dos alunos?
9. Qual é a capacidade da Direcção de escola tem na resolução de problemas dos funcionários e dos alunos?

Conclusão

É importante reconhecer que o relato deste livro é resultado de uma longa experiência na Escola de Formação de Professores ‘ ‘ Comandante Liberdade’ ’ - Lubango.

Apesar de ser um texto que relata o passado, vários aspectos levantados neste trabalho são ainda frequentes nos actuais momentos e que muito vão contribuir sobretudo para os professores, gestores em serviço e futuros agentes de ensino.

Valorize a Sua Profissão Docente Educativa

**RETROSPECTIVA À ESCOLA DE FORMAÇÃO DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES COMANDANTE LIBERDADE**

**REFLEXÕES E
CONSELHOS
PRÁTICOS.**

Autor: Benício Gabriel Bamba Puna

**EDITORA DIGITAL
"ÁGUA PRECIOSA"**

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico
Mukereng Mpôio Calunga Cardoso



Todos os direitos desta obra reservados a

Benício Gabriel Bamba Puna

Este E-book está protegido por
Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

**"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

**"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA
AUSTRAL**

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA**

Esta obra está sob uma *Licença Commons*.
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que
Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade
Pelos textos, músicas e imagens
É exclusivamente do Autor.

